

## Intelectualidade e imprensa: Silvino de Azeredo e o Correio da Lavoura (1917-1939)

Diogo Piassá das Mercês<sup>1</sup> 

Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, RJ, Brasil

### Resumo

O presente artigo busca contribuir para os debates da construção de uma imprensa negra iguaçuana a partir da formação do jornal Correio da Lavoura, periódico fundado em Iguazu em 22 de março de 1917 pelo intelectual negro Silvino Azeredo. As redes de sociabilidade e solidariedade evocadas neste artigo, assim como a categoria de intelectual, balizam e norteiam o entendimento das ações deste afroiguaçuano. Em termos metodológicos, a abordagem qualitativa deste instrumento dialoga com a pesquisa histórica em Educação a partir de periódicos não-pedagógicos e a História Local da Baixada Fluminense, dialogando com Campos (2012), Dias (2014), Alves (2019), alguns dos autores elencados nesta proposta. Por fim, este instrumento busca compreender como o desenvolvimento imprensa negra em locais periféricos e a mobilização destes sujeitos a partir da imprensa e da educação pode contribuir na construção da História da Educação na Baixada Fluminense.

**Palavras-chave:** Baixada Fluminense. Imprensa. História Local.

### Intellectuality and press: Silvino de Azeredo and the Correio da Lavoura (1917-1939)

### Abstract

The present article seeks to contribute to the debates on the construction of a black press in Iguazu, starting with the formation of the newspaper Correio da Lavoura, founded in Iguazu on March 22, 1917 by the black intellectual Silvino Azeredo. The networks of sociability and solidarity evoked in this article, as well as the category of intellectual, mark and guide the understanding of the actions of this Afro-Brazilian. In methodological terms, the qualitative approach of this instrument dialogues with historical research in Education from non-pedagogical periodicals and the Local History of Baixada Fluminense, dialoguing with Campos (2012), Dias (2014), Alves (2019), some of the authors listed in this proposal. Finally, this instrument seeks to understand how the development of the black press in peripheral places and the mobilization of these subjects through the press and education can contribute to the construction of the History of Education in Baixada Fluminense.

**Keywords:** Baixada Fluminense. Press. Local History.

## 1 Introdução

A intelectualidade negra no município-sede de Iguaçu, na Baixada Fluminense entre os anos de 1917 e 1939 demarca o objetivo deste estudo. A partir das análises das imagens publicadas no *Correio da Lavoura*, periódico fundado em 22 de março de 1917 por Silvino de Azeredo, indicia-se a possibilidade de uma imprensa negra iguaçuana formada a partir de egressos do cativoiro.

## 2 Metodologia

2

Para auxiliar no entendimento das ações deste intelectual, a partir de suas redes de sociabilidade e solidariedade, os escritos de Alves (2019), serão evocados. Conferenciando com a Geografia, os conceitos sobre local, espaço e território auxiliaram no entendimento da cidade de Nova Iguaçu enquanto espaço em constante resignificação. A presente pesquisa, de cunho qualitativo, apropria-se da pesquisa histórica a partir das imagens disponíveis na imprensa não-pedagógica utilizando, como evidência, os indícios disponíveis no periódico *Correio da Lavoura*, a partir da categoria do “não-dito”, as imagens publicadas em edições da folha, dialogando com os escritos de Burke (2004) sobre a utilização das imagens como evidências para a pesquisa em História da Educação.

## 3 Resultados e Discussões

A cidade de Nova Iguaçu emerge neste artigo como um espaço atravessado por múltiplas intencionalidades. Sendo impossível capturar todas as singularidades contidas nos sujeitos e entretecidas nas diferentes urbes, optou-se aqui por priorizar àquela negra, fruto dos encontros e desencontros e mobilizada a partir das relações estabelecidas entre os cidadãos e o espaço. Ao fazer uso dos conceitos lugar, território e espaço no texto, dialoga-se com a Geografia para estabelecer os critérios que balizam o entendimento do que vem a ser, a região da Grande Iguaçu, e numa escala menor, o município de Nova Iguaçu.

A Grande Iguaçu, o espaço físico que comporta em seu território quase todos os municípios que no futuro formarão a Baixada Fluminense, recebe

implicação de lugar, já que “os lugares são preenchidos de subjetividades” (CUNHA, 2008, p. 185). “O lugar, então, é o espaço preenchido, não desordenadamente, mas a partir dos significados de quem o ocupa” (CUNHA, 2008, p. 185).

A dimensão humana é o que pode transformar o espaço em lugar. O lugar se constitui quando atribuímos sentido aos espaços, ou seja, reconhecemos a sua legitimidade para localizar ações, expectativas, esperanças e possibilidades. Quando se diz “esse é o lugar de”, extrapolamos a condição de espaço e atribuímos um sentido cultural, subjetivo e muito próprio ao exercício de tal localização (CUNHA, 2008, p. 184).

3

Por ser um território geográfico extenso, diferentes formas de assenhoreamento ocorreram, já que “o território tem uma ocupação, e essa revela intencionalidades: a favor de que e contra quem se posiciona. Nesta perspectiva, não há territórios neutros. A ocupação de um território se dá no confronto de forças” (CUNHA, 2008, p. 185). “Sob essa ótica entende-se Nova Iguaçu para além de um território geográfico circunscrito, mas como um espaço socialmente construído (NASCIMENTO; BEZERRA, 2019, p. 131). O embate destas forças se dava nas relações apaziguadoras/conflituosas entretecidas entre os sujeitos, ora negociando, aproximando, ora desfazendo laços e vínculos de acordo com a demanda do momento. Para tanto, é necessário trazer à baila as contribuições de Alves (2019) no que tange as chamadas redes de sociabilidade e solidariedade, “tidas como agrupamentos permanentes ou temporários, qualquer que seja o grau de institucionalização, nos quais os intelectuais decidem por inúmeras razões participar” (ZANOTTO, 2008, p. 38).

Simpatias e hostilidades, amizades e rancores, solidariedade e competição mesclam-se nas configurações e nos deslocamentos que marcam as redes de sociabilidade. Porque elas ganham materialidade em formas organizativas, algumas clássicas, como as revistas, as associações e os manifestos. (...) As redes de sociabilidade devem ser analisadas naquilo que cimenta as adesões e dissensões, que Sirinelli denominou de “microclima”. Nesse microclima, vale notar as relações de poder que atravessam essas redes de sociabilidade (ALVES, 2019, p. 36).

O Recôncavo da Guanabara, as terras localizadas no fundo da baía de Guanabara, formam a região hoje conhecida como Baixada Fluminense. E a Baixada, durante algumas décadas esteve diretamente relacionada a um único município: a Grande Iguaçu. Este longo espaço territorial compreende quase todos os municípios que compõem a região metropolitana do Estado do Rio de Janeiro: Nova Iguaçu, Belford-Roxo, Mesquita, Nilópolis, São João de Meriti, Duque de Caxias e Japeri. Anteriormente conhecida como Sertão, a região da Grande Iguaçu nasce, em parte, do que foi a Vila de Iguassú<sup>1</sup>, um entreposto comercial a meio caminho entre o litoral e o interior. “(...) O Recôncavo teve papel relevante, pois, através do Caminho Novo (1698-1710) se tornou o eixo articulador entre o centro político da capitania e o sertão (das minas)” (NASCIMENTO; BEZERRA, 2019, p. 52). A comunicação e transporte dos gêneros produzidos nas roças e fazendas se dava a partir dos diferentes rios que cruzam a Vila em direção a Baía de Guanabara, como o rio Iguaçu, por exemplo.

Este vasto território abrigou diferentes ciclos econômicos como a cana-de-açúcar, o café e a citricultura. Com a criação da Estrada de Ferro D. Pedro II e sua consolidação como novo veículo de transporte em massa, conjugado aos frequentes surtos endêmicos causados pelo estrangulamento das vias fluviais para a passagem dos trilhos dos trens, a antiga sede administrativa da Vila, hoje conhecida como Iguaçu Velho, no bairro de Tinguá, foi paulatinamente abandonada fazendo emergir um novo aglomerado urbano nas proximidades da linha férrea, o Arraial de Maxambomba<sup>2</sup>. Com isso, “o deslocamento do centro administrativo do município, da antiga Vila de Iguaçu, para as margens da ferrovia, no arraial de Maxambomba, foi oficializado em 1891. Em 1916, o novo núcleo administrativo, Maxambomba, foi nomeado “Nova Iguaçu” (NASCIMENTO; BEZERRA, 2019 p. 131).

Com o fim da Abolição, intensifica-se um processo migratório de escravizados por todo território nacional em busca de melhores condições de vida

---

<sup>1</sup> A grafia do nome Iguassú mudou com o decorrer do tempo, muito por conta das reformas ortográficas da Língua Portuguesa. Hoje a grafia é com “ç”.

<sup>2</sup> Maxambomba – Machine Bomb – designa um tipo de veículo de transporte de passageiros composto de uma pequena locomotiva sem cobertura que puxava dois ou três vagões que poderiam ser também de passageiros, muito utilizado na região durante o período em que os rios da região do Recôncavo serviam como hidrovias.

além de oportunidades de trabalho assalariado nos grandes centros urbanos, como a Capital Federal, por exemplo. Na Região Sudeste, as migrações causadas pelo abandono das lavouras, incentivou os processos migratórios da serra para o litoral, fazendo com o que estes grupos viessem a se aproximar destas novas áreas urbanas que cresciam exponencialmente, já que, após 1888, a capital federal passou a ser o centro de atração de mão de obra ociosa do Sudeste, em crise de produção” (COSTA, 2015, p. 105).

5

Apesar de a permanência ter sido a norma entre os que vivenciaram a passagem da escravidão para a liberdade, boa parte dos nascidos entre 1850 a 1869 experimentaram algum tipo de migração. Em primeiro lugar, eram homens, provavelmente solteiros que migraram dentro do interior do Estado, de propriedade para propriedade. A migração definitiva aparentemente esteve mais presente nas trajetórias de vida dos nascidos no pós-abolição (NASCIMENTO; BEZERRA, 2019, p. 191).

Estes migrantes vão, em diferentes momentos, dada sua proximidade com a Capital, ocupar os terrenos da Baixada, assim como contribuíram na formação da população iguaçuana. “A Baixada Fluminense, Região Metropolitana do Rio de Janeiro, aparece como destino preferido dos filhos e netos de ex-escravos do Vale do Paraíba” (COSTA, 2015, p. 114).

Para além do aumento da oferta de serviços, regiões no entorno da cidade ampliaram suas produções, em parte direcionadas para o mercado de abastecimento da cidade e em parte para o mercado externo – como foi o caso dos laranjais em Nova Iguaçu, Campo Grande, Madureira e Cascadura – além das indústrias, com destaque para as fábricas de Bangu (COSTA, 2015, p. 109).

A formação destes novos núcleos urbanos, conjugado a questões como instrução, lavoura e higiene, por exemplo, permeiam os periódicos que surgem nas primeiras décadas do século XX, principalmente aqueles que nascem no território da Baixada Fluminense. O estabelecimento destes grupos por todo este território modifica a dinâmica social local, formando a Baixada que conhecemos hoje. É neste contexto de modificações que o jornal *Correio da Lavoura* milita, negociando há todo momento com as diferentes esferas de poder que se mobilizam no território



iguaçuano, construindo e solidificando seu lugar enquanto mídia informativa principal no Sertão e demais regiões que exerce influência.

### 3.1 Silvino de Azeredo: intelectualidade e imprensa negra

6

O intelectual é um sujeito de tino público e, muitas das vezes, para o público. “A definição de intelectual, independente da atividade profissional, ou da natureza reflexiva do seu trabalho, está condicionada pela intervenção desses produtos ou elaborações reflexivas nos assuntos públicos” (WASSERMAN, 2015, p. 65), ou seja, sua arena – a ambiência política – acontece na cidade onde se faz valer pelas amizades tecidas, coletivos edificados e ideias defendidas. É nas diferentes urbes que suas ações são legitimadas. Orbitando os diferentes debates, eventos e acontecimentos, estes elaboram suas redes de sociabilidade e solidariedade.

Os intelectuais modernos exercem suas funções de crítica ou de legitimação da ordem, sendo a cidade o lugar por excelência de exercício dessas atividades. Ou melhor, a condição urbana é definidora do papel dos intelectuais como intervenientes nos assuntos públicos (WASSERMAN, 2015, p. 68).

Uma vida dinâmica e ativa conjugada com uma navegabilidade social se fazem necessárias ao fazer intelectual e estas estão presente nas ações de Silvino Azeredo e de seus pares. Ao longo destes anos de existência do *Correio da Lavoura* – 105 anos completos em 2022 – o diretor do jornal assinou poucas colunas, porém empreendeu uma vida pública dinâmica se fazendo presente em muitos eventos, comemorações, debates políticos, reuniões da *Liga Brasileira Contra o Analfabetismo* e mais um sem número de ações que não foram registradas nas páginas dos jornais, o que indicia uma vida ativa, tecendo redes sociais largas e vastas que, por muitas vezes, estendiam-se, inclusive, para além do território iguaçuano, o Distrito Federal e o próprio Estado do Rio de Janeiro.

O fundador do *Correio da Lavoura* nasceu em 17 de junho de 1859 em Cachimbau, na Vila de Iguassú. Não se sabe a origem de seus pais, Cândido de Almeida de Azeredo Coutinho e Tereza Joaquina Conceição Coutinho, tão pouco se

eram cativos ou forros. De igual modo, nada é mencionado sobre sua condição ao nascer. Fato é que ele nasce 12 anos antes da primeira lei pró-emancipação da população negra cativa. O fato de ser negro pode ter influenciado de maneira significativa os laços que seriam futuramente estabelecidos, inclusive orientando a escolha dos colaboradores que viriam a integrar o corpo editorial da folha.

Nas publicações do periódico delimitadas como recorte, não foram identificadas notícias, seções de opinião ou colunas que abordassem, pelo menos textualmente, o pertencimento étnico de seu fundador. Entretanto, mudando o ângulo e ampliando a mirada da objetiva, percebem-se vestígios significativos: as diferentes imagens dos colaboradores negros. O testemunho ofertado pelas fontes imagéticas indicia como Silvino de Azeredo deixava transparecer sua condição de intelectual negro. As imagens, como nos alerta Peter Burke, “são testemunhas mudas, e é difícil traduzir em palavras o seu testemunho” (BURKE, 2004, p. 18), ou seja, é necessário que uma análise crítica, acompanhada de uma compreensão do contexto de criação, sejam postos em prática para se evitar o uso alegórico das figuras – como meras ilustrações – que podem causar interpretações errôneas e/ou reforçar concepções enviesadas.

Assim sendo, trazer luz sobre o processo criativo das imagens – quem as criou, quando criou, para quem criou e, principalmente, as intencionalidades dos sujeitos – torna-se fundamental para que estes vestígios imagéticos possam transmutar-se em vestígios históricos, já que “esses indícios não necessariamente ditam a relação verídica dos incidentes históricos, mas são testemunhas de uma parcela de articulação e conexão com atores e/ou ambientes históricos” (GODOY; OLIVEIRA, 2018, p. 91). Juntamente com as palavras de alerta, Burke (2014) nos aponta as potencialidades das imagens enquanto indícios que podem ser utilizados para aventar uma das possíveis interpretações deste passado estudado pautado em signos de realidade. Estes indícios dão fôlego e produzem rebatimento positivos “pela sua potencialidade de conexão com possíveis ações e narrativas de um momento histórico, o que os qualifica, portanto, como potenciais documentos históricos (GODOY; OLIVEIRA, 2018, p. 91). A condução da folha por Silvino Azeredo e Silvino Silverio recebeu significativo destaque em diferentes trabalhos

acadêmicos, indiciando sua condição enquanto intelectuais negros que atuavam em Nova Iguaçu, possivelmente mais um fato agregador para a aproximação destes sujeitos.

As fotografias do capitão Silvino de Azeredo publicadas no jornal, assim como de seus familiares e de seu colaborador Silvino Silverio, alertam para uma condição nunca mencionada nos textos: são intelectuais negros. Essa condição nos impõe a pensar a trajetória desse intelectual e sua escolha/possibilidade por atuar na imprensa (DIAS, 2014, p. 44).

8



A imagem evocada neste artigo, a partir dos critérios estabelecidos por Burke (2004), **indicia** a categoria do “não-dito”. Ao fazer uso das imagens como evidências, abre-se uma nova frente de possibilidades. Ao estampar na primeira página um afroiguaçuano, intelectual, atuante no cenário público local e regional, o periódico demarca-se como um jornal negro, feito e capitaneado por mãos negras. A diagramação da página, o tamanho e a centralização da fotografia, o cuidado na escolha da melhor imagem, as colunas antecidas pelas letras garrafais “homenagem ao nosso diretor” indiciam toda a intencionalidade na produção desta memória histórica jornalística local. Um homem negro letrado, intelectual atuante



com bom fluxo entre os diferentes estratos da sociedade fluminense e carioca procura construir uma tradição ligada à vanguarda e a própria prática jornalística no Sertão.

Seria imprudente atribuir a esses artistas repórteres um “olhar inocente” no sentido de um olhar que fosse totalmente objetivo, livre de expectativas ou preconceitos de qualquer tipo. Tanto literalmente quanto metaforicamente, esses esboços e pinturas registram “um ponto de vista” (BURKE, 2004 p. 24).

9

O indício aqui elencado, a capa do jornal de 17 de junho de 1920, edição comemorativa de mais um aniversário do fundador da folha, dialogando com Le Goff (1996), emerge como um monumento/documento, ao passo que “o *monumento* tem como características o ligar-se ao poder de perpetuação, voluntária ou involuntária, das sociedades históricas (é um legado à memória coletiva) (...) (LE GOFF, 1996, p. 01), ou seja, edificar uma tradição, um legado à memória de Nova Iguaçu, neste caso, a figura icônica de Silvino de Azeredo. Por fim, transmuta-se em documento, um referencial àqueles que se dedicam a estudar este sujeito.

#### 4 Considerações finais

O trabalho até aqui desenvolvido se desenrola a partir de uma dissertação ainda em construção. Isto significa dizer que nada é absoluto. Com a pesquisa empreendida foi possível conhecer um pequeno fragmento da vasta rede intelectual negra estabelecida na Grande Iguaçu por e a partir da imprensa. Espera-se, desta forma, contribuir para a melhor compreensão deste espaço constantemente ressignificado pelos seus sujeitos, esta Baixada Fluminense negra.

#### Referências

ALVES, Claudia. Contribuições de Jean-François Sirinelli à história dos intelectuais da educação. Uberlândia: **Educação e Filosofia**, v. 33, n. 67, p. 27-55, jan./abr., 2019.

BURKE, Peter. **Testemunha ocular**: história e imagem. São Paulo: EDUSC, 2004.

COSTA, Carlos Eduardo Coutinho da. Migrações negras no pós-abolição do sudeste cafeeiro (1888-1940). Rio de Janeiro: **Topoi** v. 16, n. 30, p. 101-126, jan./jun., 2015.

CUNHA, Maria Isabel da. Os conceitos de espaço, lugar e território nos processos analíticos da formação dos docentes universitários. São Leopoldo: **Educação Unisinos**, v. 12, n. 3, set./dez., 2008.

DIAS, Amália. **Entre laranjas e letras: processos de escolarização no distrito-sede de Nova Iguaçu (1916-1950)**. Rio de Janeiro: Quartet: Faperj, 2014.

10

GODOY, Guilherme Tadeu de; OLIVEIRA, Mirtes Cristina Marins de. **Acervos de centros de pesquisa: a construção da narrativa histórica e os materiais iconográficos**. Campinas: Pós-Liminar, 1 (2), 89-102, jul./dez., 2018.

HOMENAGEM AO NOSSO DIRETOR. **O herói do dia**. Correio da Lavoura. Nova Iguaçu, ano I, n. 45, 17 jun 1920. Disponível em: [http://rima.im.ufrj.br:8080/jspui/bitstream/1235813/788/1/Correio%20da%20Lavoura\\_45\\_Janeiro\\_1918%20%28finalizado%29.pdf](http://rima.im.ufrj.br:8080/jspui/bitstream/1235813/788/1/Correio%20da%20Lavoura_45_Janeiro_1918%20%28finalizado%29.pdf) Acesso em: 15 ago. 2022.

LE GOFF, Jacques. **História e Memória**. 4.ed. Campinas: Unicamp, 1996.

NASCIMENTO, Álvaro Pereira do; BEZERRA, Nielson Rosa. **De Iguaçu à Baixada Fluminense: histórias de um território**. Curitiba: Editora Appris, 2019.

WASSERMAN, Cláudia. História Intelectual: origens e abordagens. **Tempos Históricos**, v. 19, 1º sem 2015, p. 63-79, 2015.

ZANOTTO, Gizele. **História dos intelectuais e História intelectual: Contribuições da historiografia francesa**. Rio Grande: Biblos, 22 (1), 31-45, 2008.

---

<sup>i</sup> **Diogo Piassá das Mercês**, ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-1078-9431>

Universidade Federal do Rio de Janeiro; Faculdade de Educação; Programa de Pós-Graduação em Educação.

Diogo Piassá das Mercês é pedagogo formado pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), mestrando em Educação pelo Programa de Pós-Graduação em Educação da Faculdade de Educação da Universidade Federal do Rio de Janeiro.

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/4705872356257362>

E-mail: [diogolione@gmail.com](mailto:diogolione@gmail.com)

**Editora responsável:** Karla Colares Vasconcelos

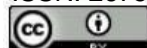
**Como citar este artigo (ABNT):**

---

Ensino em Perspectivas, Fortaleza, v. 3, n. 1, p. 1-11, 2022

<https://revistas.uece.br/index.php/ensinoemperspectivas/>

ISSN: 2675-9144



Esta obra está licenciada com uma Licença [Creative Commons](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/) Atribuição 4.0 Internacional.

---

MERCÊS. Diogo Piassá das. Intelectualidade e imprensa: Silvino de Azeredo e o Correio da Lavoura (1917-1939). **Ensino em Perspectivas**, Fortaleza, v. 3, n. 1, 2022.